

# ACAJÁ

## JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel  
havendo liberdade de fallar, escrever  
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sexta-feira 15 de Fevereiro de 1861.

N. 7

### ACAJÁ.

Agradecendo aos benevolos assignantes e ás redacções dos jornaes d'esta côrte que tanto encorajarão esta publicação na sua tibia peregrinação, julgamos cumprir um sagrado dever.

Um quarto de marco é pois avançado na estrada que trilhamos cheios de affan e de coragem e sacudindo o manto empoeirado de viajor lançamo-nos de novo a caminho.

Se o desalento e o cansaço nos invadirão, não fraqueámos; encorajados por tantas provas de animação, recobravamos novo enthusiasmo, até chegar á nossa primeira estação.

E seria uma completa antithese, se jovens como somos, se amantes do progresso, desanimássemos em meio da jornada!

Muita fé nos transborda d'alma, muita crença nos alenta o espirito, muita seiva nos fortalece e anima.

Cheios de novo animo e de esperanças, lançamos outra vez aos hombros o manto de romeiro; esperando ouvir um dia os brados do cantor da Parisina: *Awai! Awai!*

Se não attingimos ao gráo de perfectibilidade que almejávamos, ao menos tentámos attingil-o; se o não fizemos foi porque não nos era possível.

Cheios de fé no futuro; esperançosos de que a benevolencia e animação—verdadeiras seivas d'um periodico que principia—não lhe serão retiradas: temos crença que—contribuiremos—ainda que muito pouco—para o progresso da nossa litteratura.

### A MULHER.

(AO SR. AMARANTE DA CUNHA.)

Ente dado ao homem para compartilhar seus trabalhos, sustentar suas dôres, duplicar seus prazeres, embellezar seus dias; a mais bella alma da divindade, o segundo creador do homem, o apoio de seus primeiros passos, o protector de sua infancia, o consolador de sua velhice.

...

Muito se tem escripto e dito a respeito da mulher; quanto mais se procura discutil-a maior numero de opiniões divergentes se apresentam nesse grande altar que se chama tribuna da opinião publica. Seguir a rotina trilhada por tanta gente, expondo opiniões iguaes, parecerá a alguns espiritos uma imitação ou plagio; como para nós porém a imitação ou o plagio, não pode existir no intimo da consciencia humana, apresentaremos ao leitor benevolo, fracas, mas sinceras reflexões de quem não tendo a intelligencia precisa para entrar n'uma materia deste alcance, apenas apresenta pequenas considerações que nes horas de meditação lhe bão surgido á imaginação.

No meio de todas essas vicissitudes da vida do homem; no meio de todos esses cataclysmas sociais, que abatando as mais fortes instituições, tanto acubrunhão os espiritos, ha na vida alguma coisa de bello e de grande que nos impõe a ama-la.

E o que será isso, que tanto poder tem sobre o espirito do homem a ponto de fazel-o amar uma existencia muitas vezes cheia de dôres e lagrimas? — A mulher, esse anjo bom enviado pelo Senhor para adoçar-nos a existencia, que tanto soffre por nós, para poder gosar desse dom que tanto aspira e para o que é formada, que se chama — amor.

Que blasphemem por esse mundo esses entusiasmistas dos escriptos cheios de descrença de

lord Byron, ou da linguagem delirante do cantor dos «Ciumes do Bardo.» Para esses eu quizera que a mão de Deus pousasse sobre suas consciências e tornasse-as patente ao mundo, e então ver-se-ia que a penna de tão talentosos poetas, e as palavras dos seus admiradores, tem sido interpretes infieis dos seus pensamentos.

O homem a quem ao menos reste ainda algum principio de religião deve por força amar a mulher. Ella e elle formão o *todo* que não se poderá desligar sem prejuizo de ambas as partes. Para nós a mulher nunca deve ser desprezada, ainda que seja do numero dessas messalinas que pallidas vaguão pelo mundo da desgraça e do cynismo.

Examinem os criticos ou sensores dessa classe infeliz e miseravel da sociedade, as vidas de todos esses vultos cujos dias são outras tantas magoas que inundão seus corações de verdadeiras lagrimas, e ali encontrarão historias bem tocantes, factos que pungem o coração, e que nos forcão a verter lagrimas sobre paginas manchadas muitas vezes por proselytos dessa phalange para os quaes a mulher perdida vem em si tudo quanto ha de perverso. Não d'entre o todo da prostituição muitos corações ainda existem que ainda não forão manchados pelo liquido da voluntaria perversão!

Prosigamos porém na questão, generalisemo-la, e que nos respndão essas filhas da sciencia que conhecem mais o mundo da intelligencia do que o reino da razão.

A mulher ente unico tanto no moral como no physico, tem sido com tudo a heroína de muitas acções bellas, perpetuadas nos annos da historia e de outras muitas lançadas no campo do olvido, apenas admiradas pelos peregrinos da vida que mudos tem temido revelar a essa sociedade tão egoista e descrente, temendo não serem creditados ou talvez escarnecidos perante ella.

Um escriptor contemporaneo, cujo nome abrilhanta as paginas da litteratura moderna, já disse—que o mundo sem a mulher seria um arido deserto. E com effeito existe n'este sublime pensamento muita verdade e muita meditação. Não seria possível a existencia da religião; a litteratura e sciencias seriam vãs chimeras; e as bellas-artes que tem tido por um dos seus fins retratar de mil formas as innumerables bellezas physicas do sexo feminino, jamais teria existido no mundo sem a existencia da sua origem,—a mulher. Homero, Platão, Demosthenes, Chateaubriand, Miguel Angelo, Ros siní, Raphael, e mil outros genios, jamais terião escripto com letras de gloria seus nomes immortaes na historia, sem que esse anjo de amor e felicidade tivesse sahido com os dons de sua perfeição das mãos do supremo Creator. Ella é o balsamo que suavisa quando não extingue as

nossas maiores dôres; seus olhos tem sempre um olhar doce e terno que nos abraça nos momentos de nossos mais febris delirios; sua alma sobo vezoamente ás regiões do prazer quando nos vê alegres, e seu coração cheio de bondade tem sempre lagrimas de dor para nos humedecer a fronte, quando a febre do desespero absorve as lavas de nossa existencia!...

Entretanto, quantas vezes não tem ella baixado ao tunulo da dôr, victima muitas vezes infelizes de corações perdidos de homens cujos sentimentos corrompidos até n'uma mulher debil e fraca tem saciado o punhal da tyrannia? Que esses deserdos do mundo e que affectão indifferntismo pela mais bella obra do Creator, vagueem pelos desertos do esquecimento.

As luzes das modernas civilisações os repellem, porque elles não acreditão no painel mais bello que sahio da mão do Senhor, porque elles desprezão o que devião adorar, porque são indifferentes para o que nem se quer comprehendem! Marche sempre a civilisação das nações; reforme-se sabiamente a organisação social, illustre-se o povo, e então a mulher descendo das nuvens opacas em que tem vivido graças á ignorancia dos seculos, se apresentará com seus naturaes ornatos e symbolisará a primazia do genero humano.

Rio de Janeiro 31 de Janeiro de 1861.

W.

## EU SOFFRO.

A \*\*\*

Pesa-me a penna em escrever esta palavra, temendo ser contestado! Tal é a descrença a que tem chegado tudo neste mundo, que de tudo se escarnece, e até do sentimento mais nobre e sublime do coração humano— a amizade.

Tudo é calculo; tudo é hypocrisia, tudo é interesse, fallcendo a sinceridade em face de tamanha descrença!..

Que me importão as cousas deste mundo, quando muito acima dellas está a minha consciencia, e os sentimentos do meo coração?...

Que me importa que me digão: — és um hypocrisa, fazes parte dessa sociedade a que condemnas, e abraças os seus costumes?!

Coração petrificado, alma perversida! antes de assim fallares, encontra o teu olhar com o meo; fita a vista em meo rosto; repara na placidez do meo semblante; vê o socego que domina o meo espirito e sobre tudo examina a innocencia de que minha alma está possuida; e então se

Fôres capaz de repetir aquellas palavras, sem que de vergonha abaixes a vista e de pejo escondas o rosto; — a victoria será tua, venceste! E eu, como vencido, irei engrossaras tuas fileiras!

Mas... se tu fôres o vencido, deixa que eu, vencedor, prosiga no meo caminho. Não duvides da pureza de minhas intenções; o que nellas ha de nobre e santo, só Deos comprehende: eu o sinto; porém não está em mim explica-lo.

Vencedor, serei generoso, só desejo que minha pena neste momento supremo compenetre-se tanto do meo *soffrer* e mo a espada do bravo general se empenha no combate pela honra e dignidade da patria: — Vencer ou morrer. — Ante o meo *soffrer* igual será a minha divisa: — ter fé em Deos; esperar que o futuro me entregue á sorte — se tudo, porém, me fór fatal, ai de mim! . . . . .

Ah! se eu tivesse um confidente, em cujo peito desabafasse o meo *soffrer*... e elle, empenetrasse-se da missão sublime de ministro do Senhor, que na hora suprema é chamado a levar o conforto ao espirito do condemnado e preparar-lhe a alma para subir ao Tribunal Divino, então, sim, seria eu mais feliz; a minha dor seria attenuada com esse lenitivo de consolação; mas, não! isso é impossível! a minha dor é profunda; está fóra da comprehensão de qualquer mortal, só Deos della se compenetra; todos a ignorão; só eu a sinto.

Quantas vezes tenho nos labios — riso — e no coração — lagrimas! — Quantas vezes sinto necessidade de desabafar! Meo coração quer fallar, quer chorar, quer enfim amargamente. . . . .

Mas não! não posso; como que uma força maior de sub'to rouba-me todas essas faculdades. . . e quando volto a mim desse lethargo, sinto falta de ar, o espaço que tenho ante os olhos é mequinho para supportar o meo grande *segredo*, e d'elle nasce o meo *soffrer*.

Sim, esse grande *segredo* de minha vida, que talvez, quem sabe? só o tumulo seja o amigo fiel a quem o confie, e capaz de o guardar para sempre, se tão adversa me fer a sorte!

Darei mostra de ser um sceptico fallando desta maneira? Não, não sou sceptico. O que é pois que me faz supportar o peso da vida, embalandome n'uma doce esperanza, senão a verdadeira creença o fé em Deos? Nelle confio, e espero que o mundo que hoje acho pequeno para o meo *soffrer*, dia virá em que a mesma falta sinto, para o gozo da grande felicidade que espero....

Ha longo tempo que o manto da noite cobre a terra...

Tudo jaz em silencio!

Só Deos tenho por testemunha do quanto soffro neste momento.

Nelle confio.

Delle tudo espero. . .

Rio 25 de Dezembro.

J. V.



## MINHA MÃE.

(PAGINA INTIMA)

Minha mãe!... E' uma saudade... aceitai-a como um sentimento intimo d'alma!... E' a inspiração viva do que o meu peito sente por vós!... E' a reminiscencia bella do que vos devo... Cada vez que me lembro dos tempos mais felizes da minha vida; das horas que juntos passámos: — o meu coração se dilata; o meu espirito parece que se eleva ás regiões das divindades, e uma esperanza doce vem animar, vem dizer-me que eu ainda vos verei: o coração então palpita mais suave, e esse palpitar é por vós: é o impulso de um amor puro e santo de filho: julgo-me feliz.

Imagino que vos vejo como ent'ora, tendo sempre nos labios um sorriso para cada um dos meos sorrisos; uma palavra animadora para todas as minhas aspirações nobres!

Oh! minha mãe! n'esses momentos, esqueço o *soffrer* d'uma ausencia penosa, para lembrar-me que estou no lar paterno rodeado de meos irmãos, sorvendo o perfume da innocencia, e sobre tudo recebendo os vossos beijos santos, sentado no collo de meu pai, ouvindo os seus judiciosos conselhos!... Nessa illusão, tão cheia de encanto, vem-me a idéa aquellas duas estrophes do G. Magalhães, e exclamo:

« Oh! minha infancia!

« Oh! estação de flores!»

Como é sublime!... Ainda me illudo ma's. Sinto que corro na campina atraz das borboletas matizadas; nos jardins colhendo amores perfectos; passeando pelos arvoredos no gozo dos odores dulcificos de seus fructos, a que fazem festa os sanhaás pipitando alegres!

Oh! minha mãe! tudo isto é tão bel'o!... tem tanta magia!... porém essas illusões são uma compensação que Deos me dá por poucos instantes.

Ao menos, antes assim.

Aquellas preces que fizcis pelo meo porvir de venturas eu as dirijo hoje ao mesmo Ente para que vos proteja e aquelles que nos são mais caros.

E essas preces alimentão o meo viver de pe-  
rigrinação neste mundo.

Adoos! minha mãe!

E' uma saudade! accitai-a como um senti-  
mento intimo d'alma.

Rio, 21 de Janeiro 1860.

AMARANTE DA CUNHA.

## PENSAMENTOS.

A actividade é mãe da prosperidade.

B. FRANCKLIN.

§

Vale mais emmagrecer na honra, do que en-  
gordar na infancia.

...

§

Se parecer desejás o que és, falla ;  
Se parecer não queres o que és, cala.

P. ANDRADE CAMINHA.

§

O tumulo é um monumento levantado sobre  
os limites dos dous mundos.

BERNARDIN DE STE. PIERRE.

§

Que fôra da vida se nella não houvera la-  
grimas ?

A. HERCULANO.

## POESIAS.

### FALSIDADE.

Mulher! quanto eu te amei, quanto has perdido.

CASTILHO.

I.

Eu amei uma falsa e perjura  
D'olhos negros, e lindas madeixas,  
Sua fronte era linda! tão linda!  
Qu'inspirou-me as mais bellas endeixas.

No entanto, eu amei-a, fui louco  
Em amal-a um momento se quer,  
Porque amei uma fera indomavel  
Sob a forma de linda mulher.

Mas quem pode deixar de curvar-se  
Ante a fada de nossos amores,  
Sem que possa deixar de buscal-a  
Como a abelha em procura das flores ?

Hoje choro, deserente e saudoso,  
Esses dias d'amores perdidos  
Que passei junto a um anjo tão bello  
De sorrisos d'amores fingidos.

Mas, escuta, mulher, se n'um dia  
Já cansada de tanto fugir,  
Tu quizeres unir-te a meu peito...  
Os meus braços a ti se hão de abrir.

Vem, oh! anjo habitar em meu peito,  
Vem, oh! nome celeste d'amores  
Alentar com teu hafe divino,  
Do meu peito, já seccas as flores.

Não! não venhas! perjura! vaidosa!  
Embotar minha lyra innocente;  
Não! não venhas mulher artilosa  
Que não souha, nem ama, nem sente!

II.

Oh! lyra dos meus amores,  
Vinde carpir minhas dôres  
A meo peito bem unida;  
Vinde! tirai d'esto peito  
Os males que amor ha feito  
Durante que amei na vida.

Agora só amo á ti  
Meiga lyra que ferí  
Decantando meus amores;  
Contigo — serei feliz  
Contigo — minh'alma diz...  
Vão-se espinhos, chegão flores.

Rio 1860.

R.

### MENTISTE.

Mentiste mulher, mentiste,  
Quebraste a sagrada jura,  
Que só findar deveria  
No fundo da sepultura!  
Depressa tudo mudou-se,  
A alegria na—amargura!

Amei-te quando a meu lado  
Ternas fallas murmuravas;  
Amei-te quando—anhelante  
Terno amor tu me juravas!  
Amei-te... pois cri deveras  
N'esse amor que me votavas.

Mas agora d'essa jura,  
D'esse amor que me inspiraste,  
Para sempre te esqueceste  
Tê do pranto que choraste!  
Nem mesmo tiveste pena  
D'aquelle á quem enganaste!

E quem, mulher, quem pensára  
Que esquecerias a jura,  
Que tremendo me fizeste  
Num enlevo de ternura?!  
Ah! que mentiste, mentiste,  
Com a mais vil impostura!

Vai-te, vai-te : solitário  
Deixa meos sonhos carpir ;  
Ah! vai-te, não posso ver-te  
Mentindo sempre a sorrir.  
Deixa— já que me enganaste  
Procurar melhor porvir.

Rio 29 de Janeiro de 1851.

JUVITA D. SILVA.

## UMA VISITA AOS MURAS.

Em uma bella manhã, eu e a minha amiga C... estávamos por demais aborrecidas e possuídas de um verdadeiro *spleen*. Nunca a villa de S\*. no Amazonas, nos parecia tão monotoná, tão insípida, tão solitaria desde os oito mezes que allí habitávamos.

Subito, a minha amiga que era dotada de um espirito jovial e sempre disposta a emprehender pequenas aventuras, disse-me :

— Ora, nós estamos aborrecidas e tristes, não temos hoje nada em que entretermo-nos, soube que na *maloca* dos indios *Muras* ha uma festa que todos os annos, neste dia reproduzem. Vamos lá ver isso ? não é muito longe d'aquí e temos tempo de voltar cedo.

Bati as mãos de contente, e applaudi com emphase a ideia da minha amiga. Ha bem poucos dias tinha eu servido de madrinha de baptismo a um filho d'esses selvagens meos civilizados, e tanto eu como a C..., eramos muito bem vistas e mesmo bem consideradas por elles, em razão das mil *bugiangas* que lhes prodigalizávamos.

Mandámos pois preparar nossa pequena canôa e nos provimos d'algumas das *teteias*, ás quaes dão elles muita importancia.

Em meia hora transpuzemos o espaço que nos separava da *maloca*.

Cumpre dar uma pequena explicação do que é *maloca*. Chamão assim a uma especie de cabana toscamente construida, no centro da qual existe um páo solidamente fincado no chão ; nesse páo de espaço a espaço, os indios prégão uns ganchos de ferro, e desses ganchos estendem-se muitas redes de dormir, que vão procurar outro apoio em outros páos que rodeião a cabana e a sustentão, de sorte que de cada páo não admira ver os indios amarrar cincoenta e mais redes quasi que umas sobre as outras. Nessa cabana habitão muitas familias que formão uma tribo.

Apenas chegámos, mandámos amarrar nossa canôa á margem do rio, e tomámos pela estreita vereda que ia ter a *maloca*. Então um espectáculo difficil de ser definido, se descortinou a nossos olhos.

No centro de uma pequena praça aberta no meio da floresta que poderia ser maior, mas que a notoria preguiça d'aquella gente não permitia que o fosse, ostentava-se uma grande fogueira onde uma chama viva e brilhante fazia crepitar a lenha alegremente. No meio dessa fogueira achava-se collocada uma panela de barro de um tamanho enorme, e que naturalmente devia conter o indispensavel *cauim*, bebida predilecta dos indios.

A' roda da fogueira, que alimentavão durante tres dias e tres noutes sem cessar, tempo que durava a festa, dansavão, pulavão e cantavão velhas, moças e crianças. Interrompendo esse motu-continuo de vez em quando, para beberem em uma cuia, que passava de mão em mão, o conteúdo da panela, ou para comerem algumas das raizes farinaceas que estavam a-sando nas brazas. A um lado duas indias velhas tocavão cada uma em uma especie de tambor, feito de um pedaço de madeira ôca; e um indio tambem sexagenario, acompanhava os sons dos tambores com uma gaita que produzia uns assobios agudos e irregulares.

Ao principio parámos a certa distancia, e receámos approximarmo-nos d'aquella sucia, porém fomos percebidos pelo *Tacharia* chefe delles, a quem muito havíamos presenteado, que correo para nós demonstrando os mais vivos signaes de satisfação ; perguntei-lhe por minha comadre, e elle foi incontinenti procura-la : a esta pedi que nos mostrasse o interior da cabana.

Apenas n'ella entrámos testemunhámos uma scena que nos causou verdadeiro espanto. Uma velha semi-nua, e que parecia antes uma mumia que um ser animado, pois tal era sua magreza,

estava sentada sobre um *cepo*. Seos cabellos, brancos ainda, porém brancos como a neve, caíam-lhe soltos pelas costas, seos braços estorciam-se convulsivamente, e de seus olhos espantados, corrião abundantes lágrimas; gritos surdos e rouquinhos escapuliam-se de seo peito.

Emfim todos os característicos de uma dôr profunda e inconsolavel, achavão-se patentes naquella hedionda velha.

Perguntei a minha comadre, a razão porque enquanto todos se divertião ategrementemente, aquella velha se desolava de um modo tão horrível.

— Oh! disse-me ella na sua lingua meio-portugueza meio-indigena, mas que os amáveis leitores permittirão que apresente aqui modificada e correcta, deixando só ficar o pronome *tu* que é o tratamento que os indios dão a todos geralmente. « Oh! é uma historia terrivel a d'aquella velha! se queres saber, vai perguntar-lh'a, mas toma cuidado que ás vezes ella tem repentes de loucura e pôde te fazer mal. »

Eu que sou filha de Eva, e que por consequencia sou muito curiosa, não precisei mais para sentir os effeitos desse mal feminino, e que infelizmente, vejo-me obrigada a confessar. Convidei a C... para irmos indagar da velha o que tanto a atormentava, e vencendo a repugnancia que ella nos inspirava, tomámos assento uma de cada lado d'ella, que tão engolpada se achava na sua magoa que nem deo fé das nossas presenças. Repellido um escrúpulo, puz minha mão levemente sobre seo hombro. A este contacto, a velha redobrou de convulsões e volveo para mim seos grandes olhos arregalados. Um calafrio percorreu tolos os meos membros, e um momento me arrependi de minha maldita curiosidade, porém reanimé-me logo e perguntei-lhe:

— Minha avósinha o que tem? Porque não folga como as outras?

— Calla-te! disse-me ella, ainda me vens perguntar por que não folgo!? Então ignoras o que é que me ralla os dias da vida; ou vens zombar cumigo?

Nisto a hedionda creatura, agarren-me no braço com mais força do que promettião suas descarnadas mãos.

— Não me conhece minha avósinha? não vê que não sou dos seus, e que por isso não posso saber a causa da sua dôr? respondi-lhe docemente.

— Bem, se é verdade o que dizes, eu quero te contar uma historia horrivel, medonha! escuta-me!

« Faz justamente hoje vinte annos que eu tinha uma filha linda como a flor dos campos, linda quanto podem ser as filhas dos bos-pes, alegre como os passarinhos quando saúdão a aurora... sim... a minha Joanna que tinha sido

nascida no meio dos bosques, foi criar-se com sua madrinha que era branca como tu. Quando voltou, fazia inveja ás outras companheiras da sua idade pela sua saletoria, pois ella lia nos livros historias que divertião a todos, cantava umas cantigas que arrebatavão a alma e parecia que o Gram-Tupau tambem a escutava. Mas minha filha criada com as brancas, não gostava de viver commosco, e de repente sua alegria morreu; ella ficou triste, meos carinhos, como que a aborrecião e se não a mandei outra vez embora para a companhia dos brancos, foi por que sua madrinha tinha morrido.

« Todos os dias ao cahir do sol, Joanna ia passear sosinha pela mata, descia o outro lado da collina e sentava-se á borda do rio, pensando. Isto me magoava o coração. Muitos rapazes querião desposa-la; um d'entre elles apaixonou-se por ella com uma paixão mais forte do que as correntezas das agoas; porém Joanna detestava-o. Notei que suas faces, pouco a pouco desbotavão e que sua mimosa côr de laranja ia ficando pallida como a fria noite do luar. Consultei um *pagé* que me disse que casasse a rapariga, ainda mesmo a seo pezar, e m o moço que a amava.

« D'esse dia em diante não a deixei mais seccar e fit-a sciente de minhas intencões: ella quiz oppôr-se mas vendo minha firmeza disse-me que sim, mas que só no dia da nossa festa, que todos os annos é neste dia, teria lugar o casamento. Quando chegou a epocha, o *Tachua* ordenou que se fizessem duas fogaceiras, e duas paellas de *caim*. De manhã minha filha sahio como era seo costume... Fazem hoje vinte annos! O seu noivo foi para o matto caçar allin de ter bastante cega para o jantar. Joanna voltou do passeio mais triste que do costume; vestinhol-a com as roupas que lhe haviamos feito, uma corôa de flores aromaticas que eu havia colhido nos campos ornava-lhe a fronte, depois, ella me convidou e a seo noivo que a seguissimos, e dirigimo-nos todos tres para a mysteriosa collina: de repente Joanna pára, dá um pequeno assobio, e antes que pudessemos dizer alguma couza, vimos um homem todo vestido de encarnado avançar para nós e encostar uma *pussangy* ao meo nariz que me fez cahir redondamente no chão; no momento de cahir ouvi a voz de minha filha bradar: — Mãe ingrata que me querias roubar ao meo marido e senhor o Grande Satanaz, fica ahí com o teu protegido que eu fujo com meo marido!

« Não ouvi mais nada; quando tornei a mim tinha a meu lado o corpo do pobre rapaz horrivelmente desfigurado, e todo o matto secco ardia em redor de nós, porque o diabo tinha deixado alli os effeitos do seo poder maligno: um cheiro de enxofre empastava aquella parte do bosque. Oh! então fugi espavorida!... não havia duvida, minha pobre filha estava dominada ha

muito tempo pelo demonio! Desde esse dia, todas as sextas feiras aquelle lugar é frequentado por espectros horrendos, e no meio delles ouve-se a voz de Joanna cantando modinhas: hoje que é anniversario, olha vê tu mesma, lá vem ella!... olha, não me digas que a não vês senão... esgano te...»

Eu e C...estavamos satisfeitas; a velha pouco e pouco foi ficando possuida do accesso de loucura, achamos mais prudente fugirmos dalli; além disso approximava-se a hora de retirarmos, e tomando o caminho do rio, não deixámos de sentir um medo todo pueril causado pela narração da velha douda.

— Que pensas da tal velha? perguntai eu a C...

— Ora, que a filha criada entre os brancos sympathizou com alguem que forjou aquella comedia para roubar a rapariga, dando a cheirar á pobre mãe chloroformio; como esta gente é de natureza, supersticiosa, lançou fogo ao matto e queimou algum enxofre, foi assim que illudio o espirito da pobre velha que á vista do cadaver e com o choque que este episodio lhe causou, perdeu o juizo e ficou sonhando constantemente com esses fantasmas, incutindo nos outros, tão supersticiosos como ella, o receio de frequentar aquella parte do matto. Pobre gente ainda tão incauta!

Passado algum tempo retirando-me de S\*.\*, desembarquei em uma villa muito vizinha; decaçando em uma choupana da villa ouvi o dono da casa chamar a mulher, que era uma tapuia gorda e bem parecida, por Joanna. Lembrei-me da historia da velha, e repeti-a áquella gente: á proporção que fallava, a tal senhora Joanna empallidecia visivelmente. Era sem mais nem menos a nossa heroína! Fiz-lhe ver o estado deploravel em que se achava sua pobre mãe, e quiz ver se lhe despertava n'alma algum sentimento de piedade, mas qual! apesar de toda a *instrucção* que a pobre louca me dissera que ella recebera, não foi bastante para domar aquella natureza de fera; e se não approvou á Divina Providencia tirar a pobre velha do martyrio em que vivia, ainda hoje estará muito persuadida que a sua Joanna habita o reino de Lucifer.

E. B.

## UMA VICTIMA DO AMOR.

(Original Brasileiro).

(Continuado do n. 6).

— Que a mulher só vale alguma cousa, disse Henrique, quando se trata do positivo e nada mais. Somos uns grandes desmiolados em andar constantemente incensando-as e gastando dinheiro em carros e cavallos, sómente pelo prazer de passar pela porta d'ellas!

— Bem digo eu que cada vez ficas mais material. Pando de Kock é que te tem ensinado tão bellas theorias?

— Não; um outro mestre mais abalizado e erudito que elle...

— Quem é?

— Pois ainda não adivinhaste pateta!? A experiencia! tolo, a experiencia! essa professora que nos lecciona gratis e da qual és o mais refractario discipulo, pois nada tens lucrado com as lições que d'ella recibes todos os dias.

— Não me masses mais. Olha que sempre és um sêcante! Anda preguiçoso, veste-te e vamos para a aula.

D'ahi a meia hora sahião os nossos dous manebos de braços dados em direcção á academia de medicina.

Depois das cinco horas da tarde do mesmo dia sahia Carlos montado em um lindo cavallo, de uma das cocheiras desta côrte.

Meia hora depois passava elle pela morada da bella pallida, mas ninguem vio. Já estava cansado de passar pela frente da casa, e quasi que applaudia o modo de pensar de Henrique quando vio sair do saguão da mesma e vir encostar-se ao umbral do portão, um bem vestido crioulo.

— Oh! crioulo, disse Carlos parando em frente do portão.

— Senhor! respondeu o moleque.

— Como te chamas?

— José, um escravo de meo senhor.

— Pois José, se eu te perguntar algumas cousas tu me responderás a verdade?

— Pois não, meo senhor.

— Olha, toma: disse Carlos dando cinco mil reis ao moleque, é para ti.

— Obrigado, meo senhor. E o moleque recebeu o dinheiro exultando de contentamento.

— Quem mora n'esta casa? perguntou Carlos.

— E' a minha senhora.

— Ora, ora, que novidade! o nome d'ella é o que te pergunto.

— E' a senhora D. Maria da Silva.

— E' casada ou viuva?

— Viuva, sim, senhor.

— E aquella mocinha que foi ao theatro com ella hontem?

— Ah! o senhor vio-as no theatro?!

— Vi, vi, sim, mas responde ao que eu te pergunto com todos os demos!

— Não se zangue, senhor moço. Aquella moça é filha de minha senhora!

— E o moço que as acompanhava.

— Ah! senhor moço Julio?

— Eu sei lá se é Julio ou Julião! se o soubesse de certo que t'ò não perguntava.

— E' o senhor moço Julio, sobrinho de minha senhora, e primo de nhãnhã Emilia.

— Vê lá se ha mais algum parentesco, não é tambem neto.... d'algum bispo?

— Não senhor, respondeu o moleque com toda a ingenuidade. Meo senhor quer fallar com elle?

— Não, desejava só saber quem era. Dize-me uma coisa, tu sabes se nhãnhã Emilia tem algum namorado?

A esta pergunta o crioulo poz-se a rir e nada disse.

— Então sabes ou não?

— E' que....

— E' que...o que? anda! falta!

— E' que ainda é segredo, meo senhor.

— Tu me fazes perder a paciencia! O que é que ainda é segredo, dize que eu nada direi a ninguem?

— Eu vou dizer, mas senhor moço não me comprometta...

— Está bom falla, mas depressa, disse Carlos tlado-se.

— Então lá vai. Senhor moço Julio está para se casar com nhãnhã Emilia.

Um raio que cahisse aos pés de Carlos não o fulminaria tanto como o fizeram as ultimas palavras proferidas pelo moleque.

— Que tem meo senhor que está tão pallido, sente alguma coisa? Acadão! acadão!

Carlos ao ouvir dizer que Emilia estava para casar-se com Julio, sentio fugir-lhe a razão, e cahio do cavallo acommettido de um ataque cerebral, segundo os medicos depois o disserão.

Aos gritos de soccorro dados pelo moleque, acudirão alguns escravos, que transportarão Carlos para o saguão da casa, e mandarão o crioulo José participar á D. Maria do que acabava de acontecer.

E o moleque como não quizesse comprometter-se fallando a verdade, disse tão somente á senhora, que estando no portão vira aquelle cavalleiro cahir em frente da casa e que com a ajuda dos outros escravos o tinha transportado para o saguão.

Immediatamente os pretos tiveram ordem para conduzir o enfermo para o sobrado, onde o pozirão em um rico e luxuoso quarto que dava para o fundo da casa.

Dous medicos foram chamados para ver o doente, que disserão que elle tinha sido acommettido de um violento ataque cerebral, e que se achava bem enfermo.

Como D. Maria fosse uma senhora beneficente e rica, não poupou fadigas nem dinheiro para o prompto restabelecimento do doente.

Oito dias depois, elle já se achava livre do perigo, e foi então que reconheceo estar em casa d'aquella que fôra motora do mal que o acommettera.

Dirigio pois os olhos para porta do quarto, e ali vio sentado em um escabello, o crioulo José. Chamou-o, e perguntou-lhe se alguém o tinha vindo procurar; bem como onde parava o cavallo em que viera. Ao que José respondeo que ninguem o procurára e que o cavallo estava na cocheira da casa. Depois d'isto mandou chamar a dona da casa, que d'ahi a um momento acudio ao seu chamado.

— Minha senhora: disse Carlos, não sei como lhe poderei pagar tantos obsequios, sacrificios e trabalhos de que tenho sido causa sem ser merecedor....

— E' um dever da humanidade soccorrer aos que se acharem em más circumstancias. O Sr. estava nesse caso, por isso julgo que não fiz mais do que o dever de todo o hom christão acolhendo-o em minha casa.

— Tem razão, minha senhora. Mas ainda tenho dous obsequios a pedir-lhe.

— Promptamente será servido senhor.

— Eu sou estudante de medicina minha senhora, e moro com um amigo e collega, que deve estar leuco por não saber onde paro; portanto desejava que V. Ex. me fizesse o favor de mandar á rua de\*\*\* n. 40, participar a Henrique de Souza, que é o meo collega, que aqui estou em sua casa; bem como mandar entregar o meo cavallo á cocheira de... á rua de \*\*\*

Incontinente D. Maria chamou pelo moleque José, pediu papel, penna e tinta, e ao cabo de dez minutos fel-o seguir para a cidade, conduzindo o cavallo para entregar na supradita cocheira, e uma carta para Henrique de Souza.

(Continúa).

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia, ou á rua de S. Pedro n. 36.

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.<sup>l</sup>, rua do Cano n. 163